



O LAZER, OS JOVENS E A ESCOLA: TERRITÓRIOS, ACONTECIMENTOS E CONHECIMENTOS NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA, DE ENSINO FUNDAMENTAL, NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

Mariana Soares Ferraz Malta¹
José Alfredo Oliveira Debortoli²

RESUMO

A relação lazer, jovens e escola permeou esta pesquisa, na busca de compreender as experiências culturais de jovens de 12 a 15 anos, no contexto escolar. A etnografia foi escolhida como metodologia para responder aos questionamentos iniciais do trabalho. Percebi a escola como um espaço multicultural, vivenciado e ressignificado pelos alunos e alunas de diversas formas, nos momentos em que estiveram fora da sala de aula, transformando o contexto escolar em espaço de práticas de lazer.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Escola.

INTRODUÇÃO

Pensar a relação entre o lazer, os jovens e escola foi o desafio deste trabalho, na busca de perceber e compreender as relações que acontecem entre os estudantes para além da sala de aula. Experiências, vivências, práticas culturais, brincadeiras que fazem com que o tempo e o espaço entre a entrada na escola e a saída sejam vividos de diversas formas.

Olhar para esse universo e perceber os códigos, as imagens, os pensamentos, as práticas que são desenvolvidas por eles, os conhecimentos produzidos que ultrapassam o nível do que é previsível quando pensamos no contexto de uma escola, ou seja, os saberes difundidos e ensinados não são trazidos e transmitidos somente pelos professores.

Perceber que os alunos e as alunas são jovens produtores de cultura, sujeitos socioculturais com ideias e pensamentos próprios, reconhecer suas identidades como indivíduos que possuem sua própria história de vida, suas particularidades, compreendendo-os na sua diversidade, buscando um outro sentido para a palavra aluno que não seja o significado literal: “*a lumini*- o que não tem luz” (VAGO, 2009).

Os jovens colaboradores, nesta pesquisa, cursavam o 3º ciclo de formação, o que corresponde à faixa que se estende do 6º ao 9º ano, com idades que variavam

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, marimalta2013@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Minas Gerais, dbortoli@eefito.ufmg.br

entre 12 a 15 anos, considerados jovens a partir da perspectiva de Juarez Dayrell (2003), que entende a juventude como

parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes (DAYRELL, 2003, p.42).

Para o entendimento do trabalho, os jovens estudados foram considerados, então, como sujeitos socioculturais, entendendo cultura³ como o modo de ver, sentir, perceber, compreender, interpretar e significar o mundo, definindo a maneira de ser e de agir, um modo de vida, instaurando a diversidade que está presente entre as pessoas a partir das suas crenças e costumes (MALHEIROS, 2012).

Neste contexto, o jovem, como um sujeito social e cultural, é um sujeito produtor de conhecimento, o que, segundo Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, quer dizer que um dos saberes indispensáveis no processo de formação humana seria que o formando, desde o início de sua experiência formadora, deveria assumir-se como sujeito da produção do saber, para compreender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. A experiência de formação permanente deveria, dessa forma, ser entendida num processo de troca, de simbiose, em que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 12).

Pensar a escola como um espaço de educação, então, é pensar num espaço de múltiplos sentidos e conhecimentos. E foi nesse contexto escolar, no início da minha carreira profissional como professora de educação física, nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), na cidade de Rio Acima/MG e em seguida em Belo Horizonte/MG, comecei a observar meus alunos durante as aulas, o que me levou a algumas reflexões e indagações.

Senti a necessidade de ampliar as observações para outros tempos no contexto escolar, como o recreio. Num tempo aparentemente curto (mais ou menos 20 minutos), observei diferentes formas de se relacionar com e no espaço da escola. Atividades que eu ensinava nas aulas de educação física estavam presentes entre as brincadeiras dos alunos durante o recreio, mas também outras práticas que eu não ensinei, e que, entretanto, eram desenvolvidas por eles, como o ping-pong, jogado com uma pequena tábua de madeira confeccionada pelos alunos e com uma bolinha de desodorante roll-on, e os jogos de baralho, principalmente o truco, muito apreciado pelos adolescentes.

Observar os encontros dos alunos no recreio provocou em mim uma vontade de saber mais, de buscar novos conhecimentos sobre o que eu via no meu dia

³ Assim como as abordagens das noções de juventude são amplas, o conceito de cultura também o é, sendo que, para o entendimento e propósito deste trabalho, não será necessário um aprofundamento neste conceito.

a dia com os adolescentes. Para isso, eu precisava entender a complexidade e a multiplicidade das relações existentes dentro da escola.

Logo percebi que não seria uma tarefa fácil, pois a própria pesquisa em si já é “algo intrigante, sujeita à sorte, aos tempos, aos lugares, à hora, ao perigo. Pesquisar é experimentar, arriscar-se, deixar-se perder” (OLIVEIRA, 2013, p. 279). Tratar de uma pesquisa dentro de uma escola é ainda mais desafiador, pois há uma multiplicidade de formas de conexão, de linguagens e de abordagens que abre oportunidades de utilizar metodologias que fogem de um padrão preestabelecido,

de uma imagem comum de pensamento que torna o método de pesquisa como uma figura em linha reta, um caminho que sabe previamente aonde vai e traça, entre ele e o seu objeto, a linha mais curta, mesmo que tenha que passar por cima de montanhas e rios. Um método não é um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as torna como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento (OLIVEIRA, 2013, p. 282)

Para fazer essa pesquisa na escola, tentei abrir mão das imagens que já estavam enraizados na minha mente, pelo que já vivia como professora e por ser pertencente ao território, palavra cujo conceito advém dos conhecimentos geográficos e se caracteriza pelas relações que são estabelecidas num determinado espaço, lugar. Em relação a isso, Santos (2005) nos diz que

é o uso do território, e não o território em si mesmo que faz dele objeto da análise social, sendo que o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado (SANTOS, 2005, p. 7)⁴.

Nesse sentido, a escola é o lugar, o território. Entretanto, são as ações entre as pessoas que a utilizam que irão determinar como aquele espaço é construído. Essas relações são, muitas vezes, marcadas pela relação de poder, exercida por determinados grupos na busca pela demarcação do território espacial, do espaço, dentro da escola ou um território simbólico, pois é possível encontrar novos recortes para além da categoria região, resultado da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território, incluindo, então, o pertencimento a um grupo ou a uma comunidade, que pode ser virtual, por exemplo (SANTOS, 2005, p.8).

De agosto a dezembro de 2014 me inseri no campo a ser estudado para tentar fazer o que Clifford Geertz (1989) chama de “descrição densa” dos acontecimentos no interior da escola, olhando de perto e de dentro, como Magnani (2012). A princípio, optei por ir à escola três vezes na semana. À medida que as observações foram avançando, esta rotina se alternava também de acordo com a necessidade de colher maiores informações ou de acordo com a rotina da escola.

Desde o começo da pesquisa, queria entender como os jovens se relacionavam com a escola e como o lazer perpassava nessa relação. Busquei compreender o que os alunos faziam quando não estavam em sala de aula. Para isso, precisava observar atentamente as práticas que se desenvolviam em outros tempos escolares, como no recreio, na entrada, na saída, nos momentos sem professor. Olhar para a escola como um espaço social, onde acontecem muito mais vivências do que se imagina, onde

4 Disponível em:<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>.

os encontros entre os alunos podem fazer emergir ricas e interessantes atividades, aprendizados, ensinamentos, que fogem do tradicional ensino/aprendizagem – professor/aluno.

Em todo o momento, nas minhas observações dentro da escola, percebi como são ricas e interessantes as experiências vividas pelos alunos no recreio. Jogar futebol, jogar queimada, jogar corta três, jogar truco, dançar, namorar, andar pela escola, correr, orar, conversar com os amigos, refletir, descansar, dormir, tirar fotos de si mesmo (as “selfies”), escutar música, jogar YUGI-OH!, ir para a biblioteca são algumas das atividades que eu observei entre os alunos.

Impressionou-me muito a estrutura e a organização dos alunos que jogam Yugi-oh!. Ali, naquele espaço que eles utilizam para jogar, há uma riqueza de relações, na quais o mais experiente ensina para o mais novo, há uma relação de hierarquia e um respeito entre os jogadores. Ali são desenvolvidos conhecimentos que a escola não reconhece que existam.

A Célula, na mesma medida, é organizada pelos alunos que querem conversar sobre Deus e sobre os ensinamentos da Bíblia. Eles se reúnem durante o recreio para isso, mesmo que, dentro do currículo da escola, não haja nenhuma disciplina que discuta assuntos religiosos. Há, então, dentro do ambiente escolar, um grupo de alunos que difundem esses ensinamentos e se inter-relacionam com o grupo, e alunos de jogam Yugi-oh!, pois alguns jovens participam dos dois grupos.

Assim, acontecimentos no interior da escola que estão ali, no pátio da escola, à vista de todos, passam despercebidos aos olhos dos professores e da coordenação.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho foi mostrar este lado, aquele que em muitos momentos não se vê, não aparece, tem que ser procurado. O lado dos alunos, as suas práticas, que fogem muitas vezes das regras e estruturas da escola. Talvez este seja um dos receios dos professores: descobrir que a dinâmica de ensinar não está exclusivamente em suas mãos. Afinal, a escola é muito mais do que se vê dentro de uma sala de aula. Aliás, percebi que a escola viva, rica em experiências culturais acontece no tempo do “entre”, ou seja, *entre* uma aula e outra num pequeno intervalo onde os alunos trocam de sala, *entre* a hora da entrada até o sinal para ir para a sala, *entre* as aulas, num tempo maior, o recreio, *entre* o tempo de descer e esperar o sinal da saída e já fora da escola, *entre* o portão até chegar em suas casas.

Diante disso, as relações escola e jovens, escola e lazer, lazer e jovens e escola, lazer e jovens foram percebidas por meio das diversas práticas e das conversas com os alunos. Cada um tem uma forma diferente de se relacionar com o espaço e utiliza o tempo do recreio de diversas maneiras, também.

Pretendi com este trabalho novos pensamentos no campo do lazer, pensar a escola sob o olhar do lazer e o lazer sob a ótica da escola: momentos da vida que se relacionam e não se separam. Isso porque a escola não é um espaço separado da vida social. Pelo contrário, as experiências de vida de cada aluno que frequenta a escola emergem nas práticas e nos ensinamentos que são difundidos entre eles, principalmente durante o recreio.

Nesse sentido, o lazer está presente na escola, por meio das vivências, experiências, práticas sociais que deslocam o lócus do aprendizado para outros tempos/espacos no contexto escolar. Os conhecimentos produzidos pelos alunos,

nos momentos dos encontros, confirmam que a relação lazer, escola e jovens é uma relação rica em possibilidades de práticas sociais diversas e abre uma discussão sobre o espaço que o lazer ocupa no contexto escolar de diferentes escolas.

Assim, o desafio agora é fazer um movimento já proposto por Malheiros (2012), de observação e de entendimento dos processos de socialização e educação dos jovens fora da escola, mas dentro desse processo de educação permanente, proposto por Paulo Freire.

THE LEISURE, YOUNG PEOPLE AND THE SCHOOL: TERRITORIES, EVENTS AND KNOWLEDGE IN THE EVERYDAY OF A PUBLIC SCHOOL OF FUNDAMENTAL TEACHING, IN THE MUNICIPALITY OF BELO HORIZONTE

ABSTRACT: The leisure, youth and school relationship permeated this research, in the search to understand the cultural experiences of youngsters from 12 to 15 years, in the school context. Ethnography was chosen as a methodology to answer the initial questions of the work. I perceived the school as a multicultural space, experienced and resignified by the students in different ways, in the moments when they were outside the classroom, transforming the school context into space of leisure practices.

Keywords: Leisure. Youth. School.

OCIO, JUVENTUD Y LA ESCUELA: TERRITORIOS, ADELANTOS Y CONOCIMIENTOS EN LA VIDA COTIDIANA DE UNA ESCUELA PÚBLICA DE EDUCACIÓN BÁSICA EN EL MUNICIPIO DE BELO HORIZONTE

RESUMEN: La relación de ocio, la juventud y la escuela impregnadas esta investigación, tratando de comprender las experiencias culturales de los jóvenes de 12 a 15 años, en el contexto escolar. Etnografía fue elegido como el método para responder a las preguntas del trabajo inicial. Vi a la escuela como un espacio multicultural, con experiencia y reinterpretados por los alumnos y estudiantes de diferentes maneras, en los momentos en que estaban fuera del salón de clases, haciendo que el espacio ambiente escolar de actividades de ocio.

Palabras claves: Ocio. La juventud. Escuela.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. N. 24, p. 40-52, set/out/nov/dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez. (Org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MAGNANI, José Guilherme. **Da periferia ao centro: Trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MALHEIROS, João Carlos de Meneses, Malheiros. **Percursos de “dentro” e “de fora”:** juventudes, bares e escola. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). 2012, 172 f. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO/UFMG), Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, MarLucy Alves (Orgs). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte:

Mazza, 2014.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: **Observatorio Social de América Latina** (OSAL). n. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005-. Disponível em<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.